Agroecologia: vivências e autonomia no cultivo de alimentos saudáveis

Gilmar do Nascimento Silva

Eixo Temático: Campesinato e Soberania Alimentar

Apresentação

Meu nome é Gilmar do Nascimento Silva, tenho vinte e cincos anos, moro na comunidade Soim, zona rural leste de Teresina. Sou agricultor e há dois anos participo da Feira de Base Agroecológica-cultural da UFPI.

Contextualização da experiência

Venho de uma família muito humilde e meus pais sempre trabalharam com a agricultura. Quando ainda era criança, passei a ajudá-los na rotina diária de trabalho. Era uma vida muito árdua e difícil e eu não me identificava.

No ano de 2007, quando eu tinha quatorze anos, foi implantada na minha comunidade uma horta comunitária, e minha mãe logo adquiriu um lote. Fiquei bastante feliz e curioso, pois nunca tinha tido contato com essa atividade. Queria saber como se dava o processo de produção das hortaliças, mas confesso que inicialmente também havia pouco incentivo, fator que provocava faltava ânimo para trabalhar na área.

Desenvolvimento da experiência

Com o passar do tempo fui me identificando cada vez mais com a produção de hortaliças. Aos 17 anos já dominava diversas técnicas de cultivo, que adquiri através de cursos disponibilizados para os/as produtores/as da comunidade e foi daí que veio a vontade de possuir meu próprio lote. Junto a isso surgiu na comunidade uma proposta de conversão da produção convencional para a orgânica, de forma que não utilizássemos mais nenhum insumo de natureza química, sendo preciso cumprir alguns requisitos indispensáveis para conseguir a certificação de produção orgânica. Iniciamos um novo cultivo em outra área, onde ampliamos a nossa produção e nos aprofundamos ainda mais na agroecologia. Nesse período eu consegui adquirir meu próprio lote para fazer um trabalho independente e, na mesma época, também fazia um curso preparatório para o Enem. A emoção dessas duas conquistas foi muito grande, e logo comecei a trabalhar, mas agora com mais autonomia.

Logo depois comecei a observar a necessidade de produzir minhas próprias mudas, para deixar de ficar dependendo do mercado e também ter menos custos. Foi então que, com muita dificuldade, consegui fazer o meu primeiro viveiro e obedeci a todas

as normas do cultivo orgânico, o que foi ainda mais complicado. Porém, com muita luta fui fazendo melhorias e aperfeiçoando meu viveiro. Inicialmente eram apenas três bandejas. Logo depois esse número subiu para cento e vinte, isso sem o uso de agrotóxico ou soluções químicas. Com o avanço da conversão fomos ampliando a variedade de nossos produtos comercializados na Feira de Base Agroecológica-Cultural da UFPI e na Feira da Praça Rio Branco, realizada no centro de Teresina. Também conseguimos disseminar a importância da agroecologia para as pessoas da comunidade e atualmente contamos com trinta e três famílias na horta comunitária, onde dezessete dessas participam das referidas feiras.

Ao longo dos trabalhos desenvolvidos dentro das hortas, passei a perceber algumas dificuldades enfrentadas por mim e pelas demais famílias para desempenhar algumas atividades. Foi então quando me surgiu a ideia de criar alguns equipamentos e ferramentas que ajudariam na produção de hortaliças e facilitariam a vida dos/as horticultores/as da minha comunidade e também as outras localidades.

Figura 1. Viveiro de mudas.
Fonte: Arquivo Pessoal. Teresina: nov/2018. Fotóg: Gilmar do N. Silva.

O primeiro equipamento criado foi um esquadro feito de ripa, com um cabo de 1,20m e uma lâmina de 90 cm, adquirindo formato de um cone. Ele forma um sulco nos canteiros, que ajuda na semeadura dos plantios direto. Logo após, percebi que muitas pessoas reclamavam de dores na coluna devido os trabalhos diários. Para acabar com este problema, criei outra ferramenta que facilita no transplante das mudas, fazendo perfurações no canteiro no mesmo formato das células, adequando-se de acordo com o espaçamento exigido para a cultura cultivada. Para as perfurações das bandejas, utilizei uma tábua de madeira, com pregos e parafusos, um equipamento que fura de uma só vez 128 células, e que pode ser visualizado na figura 3. Em meu último equipamento produzido, utilizei uma garrafa pet e fita

gomada, facilitando o plantio das sementes tanto no canteiro quanto nas bandejas. O produtor não tem um contato manual com a semente, passando a ter um controle na quantidade plantada. Todos os equipamentos garantem uma maior agilidade e menos tempo gasto com as atividades diárias na horta.

Não me vejo mais trabalhando sem os meus equipamentos, tenho orgulho de dizer que eles surgiram graças à agroecologia, que traz com ela novos conhecimentos, novas visões, descobertas e o prazer de poder ajudar os meus/minhas companheiros/as agricultores/as.

Figura 2. Marcador para semeadura no canteiro e Perfurador de pequenas covas em canteiros.
Fonte: Arquivo Pessoal. Teresina: jul/2018. Fotóg: Gilmar do N. Silva

Figura 3. Perfurador para semeadura de bandejas.
Fonte: Arquivo Pessoal. Teresina: nov/2018. Fotóg: Gilmar do N. Silva

Principais resultados alcançados

Neste trajeto, formamos a nossa Comissão Municipal de Agroecologia e Produção Orgânica – CMAPO, que fortaleceu ainda mais a nossa luta agroecológica. As feiras deram super certo, e avançamos ainda mais quando a CMAPO resolveu criar uma OCS (Organização de Controle Social) que possibilitará aos produtores vender seus produtos como orgânicos em feiras e programas do governo, e minha comunidade foi a escolhida dentre cinco para ser a primeira a passar por essa experiência, devido seu nível de organização. Isso para nós significou um grande avanço, nessa luta que é trabalhar com produção agroecológica, tendo em vista que nosso país é dominado pelo agronegócio, pela indústria dos agrotóxicos, que não precisam de tantas exigências para destruir o nosso planeta.

Graças à criação do meu próprio viveiro de mudas e da diversificação das culturas produzidas, hoje também levo para outras comunidades e famílias o resultado do meu trabalho, ajudando na criação de novos viveiros e pequenas hortas.

Disseminação da experiência

Através dessas mudanças, eu e minha comunidade tivemos acesso a uma vida melhor, uma conscientização não apenas da importância de uma produção saudável, mas de preservar nossas raízes, culturas, preservar a natureza. Levamos isso para o campo e para a cidade, a fim de que todos compreendam a importância da agroecologia em nossas vidas.

Uma semente foi plantada em nossa comunidade, ela germinou, cresceu e não para de dar frutos saudáveis, que não precisam destruir nenhum meio de vida para existir. Se você me perguntar que semente é essa, eu logo respondo, é a semente da agroecologia que é também um fruto da nossa arvore da vida.

Figura 4. Feira de Base Agroecológica-cultural da UFPI.
Fonte: Arquivo Feira-UFPI. Teresina: fev/2019. Fotóg: Victor Martins.

Figura 5. Horta Agroecológica do povoado Soim.
Fonte: Arquivo Feira-UFPI. Teresina: agosto/2019. Fotóg: Joseph Oliveira.